

**BENJAMIN, W. & SAID, E.
APROXIMAÇÕES INTELLECTUAIS E AFETIVAS**

**BENJAMIN, W. & SAID, E.
APROXIMACIONES INTELLECTUALES Y AFECTIVAS**

**BENJAMIN, W. & SAID, E.
INTELLECTUAL AND AFFECTIVE APPROXIMATIONS**

**BENJAMIN, W. & SAID, E.
RAPPROCHEMENTS INTELLECTUELS ET AFFECTIFS**

DOI: 10.5533/1984-2503-20124108

Gisálio Cerqueira Filho¹

Dedicado à Lene, minha mulher.

RESUMO

O presente ensaio aproxima os pensadores Walter Benjamin e Edward Said tanto na crítica ao paradigma dito canônico quanto na busca de alternativas teóricas e práticas para a política. Discute ainda a tradução para o português (*Origem do drama trágico alemão*), realizada por João Barrento (2011) do título da obra de W. Benjamin: *Ursprung des deutschen trauerspiels*, que contrasta com a tradução proposta (*Origem do drama barroco alemão*) por Sergio Paulo Rouanet (1984).

Palavras-chave: Walter Benjamin, Edward Said, teoria política, prática política, paradigma científico.

RESUMEN

El presente ensayo acerca a los pensadores Walter Benjamin y Edward Said tanto en la crítica al paradigma dicho canónico como en la búsqueda por alternativas teóricas y prácticas para la política. Además, se discute la traducción al portugués (*Origem do*

¹ Professor Titular de Teoria Política. Editor de *PASSAGENS – Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica*. E-mail: gisalio@superig.com.br

drama trágico alemão), realizada por João Barrento (2011) del título de la obra de W. Benjamin: *Ursprung des deutschen trauerspiels*, que contrasta con la traducción propuesta (*Origem do drama barroco alemão*) por Sergio Paulo Rouanet (1984).

Palabras-clave: Walter Benjamin, Edward Said, teoría política, práctica política, paradigma científico.

ABSTRACT

The present study considers the thinkers Walter Benjamin and Edward Said for both their criticism of the so-called canonical-paradigm, and their search for theoretical and practical political alternatives. It also discusses the Portuguese translation (*Origem do drama trágico alemão*) by João Barrento (2011) of W. Benjamin's work *Ursprung des deutschen trauerspiels*, which contrasts with the proposed translation (*Origem do drama barroco alemão*) by Sergio Paulo Rouanet (1984).

Key words: Walter Benjamin, Edward Said, political theory, political practice, scientific paradigm.

RÉSUMÉ

Ce texte effectue un rapprochement entre les penseurs Walter Benjamin et Edward Said, aussi bien au niveau de la critique du paradigme dit canonique qu'à celui de la recherche d'alternatives théoriques et pratiques en politique. Sera également abordée la traduction en portugais (*Origem do drama trágico alemão*), réalisée par João Barrento (2011), de l'œuvre *Ursprung des deutschen trauerspiels* de W. Benjamin, qui contraste avec la traduction proposée (*Origem do drama barroco alemão*) par Sergio Paulo Rouanet (1984).

Mots-clés : Walter Benjamin, Edward Said, théorie politique, pratique politique, paradigme scientifique.

O foco proposto para reflexão, aproximando Walter Benjamin (1892-1940) de Edward Said (1935-2003), é a crítica de ambos ao que muitos chamam de paradigma canônico. Mas não só.

A oportunidade foi criada pelo recente lançamento de *Origem do drama trágico alemão (Ursprung des deutschen trauerspiels)*, de W. Benjamin, tradução de João Barrento, 336 pp. e publicada pelo Grupo Editorial Autêntica, Belo Horizonte, 2011. Não se enganem os leitores. Sendo E. Said inscrito na causa palestina, nascido em Jerusalém, educado no Cairo e em Nova York, ele muito se aproxima de W. Benjamin, embora este último esteja inscrito na cultura judaica. Aliás, se vivos fossem, certamente estariam trabalhando juntos pela aproximação de judeus e palestinos.

A leitura de um e outro, nas obras aqui referidas, é importante passo para abertura de novos caminhos para a teoria e a prática políticas.

Mas, neste breve ensaio eles estão associados na perspectiva crítica ao que é dominante e, muitas vezes, trás consigo o nome de canônico, pedido emprestado à antiga expressão do Velho Testamento. Ambos estão engajados nos estudos culturais, quase sempre de fronteira, suscitando novas indagações, hipóteses temáticas, diretrizes para uma ação política visando passagens e travessias.

Desejo de atravessar o Rubicão...

De E. Said retomamos as conferências (radiofônicas) de Reith, 1993, publicadas em *As representações do intelectual (Representations of the Intellectual)*, tradução de Milton Hatoum, 127 pp. e publicada pela Editora Companhia das Letras, São Paulo, 2005.

De autoria de W. Benjamin, a obra *Origem do drama trágico alemão* é apropriada também para uma compreensão do que vai ocorrer na Alemanha no período 1920-1946 e que muito nos interessa.² Não se trata da primeira tradução para o português, mas esta de agora, vem assinada por João Barrento, germanista, tradutor muito premiado³ e professor de Literatura Alemã e Comparada na Universidade Nova de Lisboa, Portugal. Como editor e tradutor, tem sido responsável por algumas das mais importantes publicações de autores alemães para o português, com destaque para Goethe (nove

² Cerqueira Filho, Gisálio (2004). *Autoritarismo Afetivo: a Prússia como sentimento*, São Paulo: Editora Escuta.

³ Entre outros, João Barrento recebeu o Grande Prêmio de Tradução (anos de 1993 e 1999), o Premio Calouste Gulbenkian da Academia das Ciências (Tradução de Poesia, 1979), o Prêmio de Tradução Científica e Técnica da União Latina (2005); o Prêmio de Tradução do Ministério da Cultura da Áustria (2010); além da Cruz de Mérito Alemã (1991) e da Medalha Goethe.

volumes, 1991-1993), Robert Musil (oito volumes, desde 2005) e Walter Benjamin (sete volumes, desde 2004).

Para o leitor brasileiro, o que logo chama atenção é que o título em português confronta a anterior tradução *Origem do drama barroco alemão* (São Paulo, Brasiliense, 1984) de Sergio Paulo Rouanet, diplomata, escritor renomado, germanista, membro da Academia Brasileira de Letras, ex-ministro da Cultura. Rouanet é responsável também pela apresentação e notas do referido volume.

Por seu turno Walter Benjamin é um dos grandes pensadores alemães do século XX com seu nome associado à Escola de Frankfurt. A obra *Ursprung des deutschen Trauerspiels* (esboçada em 1916, escrita em 1924-1925 e publicada em 1928) foi sua tese de livre-docência. O curioso é que ela foi rejeitada pelo Departamento de Germanística e, depois, pelo Departamento de Estética da Universidade de Frankfurt, que a considerou pouco convencional. Todavia, W. Benjamin preferiu retirar os materiais para o exame de livre docência, após saber das dificuldades para aprovação, do que deixar que a Universidade de Frankfurt assumisse o ônus político da não aceitação da tese. Benjamin chegou a pensar nesta última hipótese, mas acabou não a colocando em prática, demonstrando na prática uma notável contradição entre o pensamento e a ação.

Filósofo, ensaísta, crítico literário e tradutor, escreveu peças para rádio, além de artigos para diversos jornais e revistas literárias. Colaborou com a *Zeitschrift für Sozialforschung*, revista do Instituto de Pesquisa Social (que mais tarde ficou conhecido como “Escola de Frankfurt”). Filho de judeus foi obrigado a deixar a Alemanha em 1933, rumo à Paris, onde ficou até a invasão nazista. Em 1940, fugiu ilegalmente para a Espanha e, na cidade de Portbou, Catalunha, se suicidou para não ser capturado pela Gestapo. Walter Benjamin deixou vasta e brilhante obra literária, além de ter contribuído enormemente para a teoria estética, para a filosofia, para o pensamento político e para a história.

Assim, são dois os pontos que gostaríamos de ressaltar nesta comunicação:

- 1- a postura crítica de ambos, Benjamin e Said, confrontando, com *sprit de finesse*, o que é considerado canônico e dominante à época de cada qual.

2- A polêmica em torno da tradução do título da obra *Ursprung des deutschen Trauerspiels* que acaba por envolver João Barrento e Sergio Paulo Rouanet.

O termo canônico está diretamente vinculado à expressão cânon, que aparece no Velho Testamento. Embora o Novo Testamento venha contestar o “Velho Livro”, e Paulo, originário de Tarso, depois da sua conversão do judaísmo ao cristianismo, se torne, por assim dizer, o militante mais visível da causa do cristianismo, ocorreu que as ideias cristãs foram combatidas com vigor durante os primeiros tempos do Império Romano, após a crucificação de Cristo. Esse foi o período das catacumbas onde o cristianismo viveu uma fase não institucionalizada e profética estreitando-se os laços comunitários entre cristãos e judeus. Paulo, ex-judeu e com funções rabínicas dedicou-se, nas suas viagens, sobretudo à conversão dos judeus. Entretanto, desde que Império Romano, com o Imperador Constantino, assumiu o cristianismo como religião oficial, a institucionalização impôs-se gradualmente implicando afinal no poder formidável, e em curto espaço de tempo, da Igreja Católica Romana. Sem dúvida, este foi ainda um dos efeitos, da criação do Código de Direito Canônico de Graciano na consolidação das leis do Império, isto é do Direito Romano. Este acabou por absorver o termo cânon e ambos – o direito romano e os seus cânones – tendo sido recepcionados pela Igreja Católica Romana contribuíram para fortalecer a tradição teológica do Direito Canônico e do Direito Eclesiástico, referidos ao catolicismo romano. Mas, de fato o termo cânon fala mais do que à tradição do catolicismo romano. Ele ecoa o fundamentalismo cristão de natureza protestante, após Martinho Lutero, e as cisões promovidas pelo protestantismo. Ele fala, e desde os tempos do Velho Testamento, à tradição fundamentalista judaica; assim como falará mais tarde ao fundamentalismo islâmico.

Portanto, o termo canônico está vinculado àquilo que, desde um ponto de vista absolutista e fundamentalista, rege a ação humana. Em determinadas circunstâncias e no contexto histórico do iluminismo, o termo canônico foi secularizado querendo significar dominante, mas de uma forma permanente e irrefutável. O termo canônico carece, pois de laicização, ecoando na atualidade uma notável influência de longa duração de uma “teologia política”.

A postura adotada por W. Benjamin e E. Said comporta uma reflexão substantiva com relação ao que é considerado canônico. Tanto em *Ursprung des deutschen*

trauerspiels quanto em *Representations of the Intellectual* os autores tomam decidida posição de enfrentamento e afrontamento àquilo que se pretende como absoluto, dominante, permanente, resistente a qualquer mudança. E certamente o que é considerado canônico pressiona fortemente a atividade dos intelectuais.

Para Said, estas pressões podem ser assim resumidas: (a) a da especialização restrita que empobrece a análise e depõe contra o prazer e o arrebatamento da descoberta. (b) no que concerne ao mundo do pós-guerra a pressão da especialização resulta na expertise e no culto do técnico ou perito especializado. Muitos se referem a esses intelectuais credenciados pelo pensamento dominante e hegemônico como “especialistas”. (c) inevitavelmente a pressão imposta pelo “profissionalismo” é a tendência para a colagem com o poder e a autoridade entre os adeptos e seguidores. Não são apenas as exigências e prerrogativas do poder, mas um movimento mais ou menos afirmativo para que o intelectual seja diretamente empregado por ele. (d) os que defendem uma atividade intelectual alimentada mais pelo desejo, pela afeição e pelo lúdico, são rapidamente desclassificados como intelectuais profissionais e rotulados de amadores. O que resulta é que a exigência do profissionalismo, contíguo ao poder, movido por uma especialização egoísta e estreita (poderíamos dizer oportunista) é aquela via que é oferecida como capaz de alcançar o lucro, a riqueza material e o sucesso. Para E. Said dissolve-se grandemente a consciência crítica do intelectual com relação ao poder que o circunda.⁴ E, talvez, por isso mesmo deveríamos resgatar o adjetivo “amador” e a atividade lúdica do intelectual.

Já W. Benjamin explica a sua intenção era apresentar uma nova leitura do drama alemão do século XVII. Queria distinguir a forma desse drama, enquanto “drama trágico” (*Trauerspiel*), da tragédia (*Tragödie*). A obra em si procura situar as afinidades existentes entre a forma literária do drama trágico e a forma artística da “alegoria”. T.W. Adorno, da Escola de Frankfurt, classificou-a como a obra mais complexa de Benjamin, pois ofereceria uma chave interpretativa para o drama trágico alemão, além de ser uma espécie de epistemologia do ensaio, que certamente escapa à especialização restrita. Esta epistemologia chocou-se com o convencional de então e marcou uma virada de paradigma. Por seu método e por seu estilo, deu densidade à teoria crítica, mas também

⁴ Said, Edward (2005). *As representações do intelectual*, São Paulo: Companhia das Letras, p. 80-87.

aos estudos literários, oferecendo uma abertura para os estudos culturais. A arte de vanguarda teria, a partir de então, na teoria da alegoria aqui apresentada seu procedimento chave. Por sua crítica à estética acadêmica e à filologia tradicional, este livro é uma referência decisiva para todos aqueles que querem pensar a arte.

Ainda no campo da teologia política, W. Benjamin instiga leituras múltiplas e concorrentes entre si para a atualidade. E promove uma discussão sobre o excesso tanto na política quanto na arte. Um indício é precisamente a abertura do volume com a preocupação, logo no primeiro capítulo, em relação à “teoria barroca do drama trágico”. O barroco ocorre nas situações históricas em que não se vivenciaram as inovações culturais do renascimento, mesmo quando tal aconteça com apropriações especialmente técnicas. O conteúdo de natureza religiosa, e prevalente no período medieval, prevalece então vigente no renascimento.

Já na perspectiva iluminista o barroco é trágico porque implica numa certa resistência histórica à mudança. Mas a recíproca não é necessariamente verdadeira, pois nem toda tragédia é barroca. Talvez pudéssemos dizer que o drama barroco fala à forma e o drama trágico fala ao conteúdo. Sem dúvida, o excesso presente na estética barroca se oferece caricaturalmente à crítica social.

Segundo João Barrento, na tradução promovida pela Ed. Autêntica (Belo Horizonte), o termo *Trauerspiel* deveria traduzir-se, literalmente, por *drama lutuoso*, que não corresponde a nenhuma designação de gênero em português.

Optei por drama trágico para fugir à tradução, comum nas línguas românicas, de drama barroco, que não está no termo original nem designa também nenhum gênero dramático particular. Drama trágico (já usado em traduções inglesas), parece-me ter pelo menos duas vantagens: indicia uma ligação à forma clássica da tragédia (que o termo alemão também pressupõe, quando surge no século XVIII); e torna-se linguisticamente mais operativo como título e ao longo de todo um livro.⁵

O próprio autor Benjamin, em nota biográfica que abre a obra, explica o seu intento, que justifica a renomeação: “Este livro propunha-se fornecer uma nova leitura do drama alemão do século XVII. O seu propósito, como ressaltamos, é o de distinguir a forma desse drama, enquanto ‘drama trágico’ (*Trauerspiel*), da tragédia (*Tragödie*), e

⁵ O que se fala no livro *Origem do drama trágico alemão*, tradução de João Barrento, (orelha e quarta capa) é renovado em entrevista ao repórter Guilherme Freitas, de *O Globo*, para o Jornal “Prosa & Verso”, 31/12/2011, p. 6.

procura demonstrar as afinidades existentes entre a forma literária do drama trágico e a forma artística da alegoria”.

Considerado por T.W. Adorno a obra mais complexa de Benjamin; para muitos, o livro interessaria menos por oferecer uma chave interpretativa para o drama trágico alemão do que por fornecer uma espécie de epistemologia do ensaio. Esta epistemologia, por sua vez, marcou, por seu método e por seu estilo, não apenas a teoria crítica, mas também os estudos literários. Para Benjamin, o barroco é considerado

(...) via uma tipologia sociológica que se apresenta como uma visão de mundo em que a razão é posta como um princípio insuficiente. Essa insuficiência da razão para o crítico alemão seria uma via para a consideração da imanência como condição do mundo humano, tal como é a concepção barroca do século XVII. A saída do plano estético do barroco que o filósofo alemão faz, permite a sua transposição para um âmbito da filosofia da história. Posição de interesse de Walter Benjamin.⁶

Por ironia, T. W. Adorno recebeu a “habilitação” na mesma Faculdade em 1931.

Adorno não apenas cita inúmeras vezes o livro de Benjamin, quanto

(...) defendeu, na sua aula inaugural, um conceito de atualidade filosófica que se solidarizava em muitas passagens com o ‘Prólogo epistemológico-crítico de Ursprung des deutschen trauerspiels (...) No semestre de Verão de 1932, Adorno orienta em Frankfurt um seminário sobre o livro de Benjamin e foi o orientador na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Frankfurt da primeira tese dedicada ao pensamento de Benjamin.⁷

Ressalte-se que no momento que escreve *Ursprung des deutschen trauerspiels*, Benjamin ainda está distante das reflexões sobre o materialismo histórico, isto é, o marxismo. Este será, posteriormente, alvo de suas preocupações intelectuais. Não no momento. Daí considerar que *“a linguagem formal do drama trágico que está a constituir-se, pode perfeitamente ser vista como o desenvolvimento de necessidades contemplativas inerentes à situação teológica da época”*.⁸ Esta constituição aí referida consiste precisamente na estética barroca. Daí porque o autor avança observando que

(...) uma delas, resultante de toda a escatologia, é a tentativa de encontrar consolo para a renúncia ao estado de graça através de um retorno ao estado original da criação. Nesta, como em outras esferas da vida do Barroco, é determinante a

⁶ Uchôa, Mateus Vinícius Barros (2011). “DARSTELLUNG: Walter Benjamin e a magia do nome”. In *Semana Acadêmica do PPG em Filosofia da PUCRS*, Porto Alegre, VII Edição.

⁷ Benjamin, Walter (2011). *Origem do drama trágico alemão (Ursprung des deutschen trauerspiels)*, Tradução de João Barrento, Belo Horizonte: Grupo Editorial Autêntica, p. 311.

⁸ *Ibidem*, p. 77.

*transposição dos dados originalmente temporais para uma simultaneidade espacial figurada, que nos permite penetrar na estrutura íntima desta forma dramática.*⁹

Por este caminho temos uma dupla indução: 1) para visualizar a capacidade da tragédia e do pensamento trágico em pensar os fenômenos políticos. 2) para aproximar o campo dos fenômenos políticos do campo teológico, mas enquanto ideologia, como, aliás, já sugere Maquiavel.

Fica também sublinhada a área de estudos de fronteira que falam à interdisciplinaridade na construção do objeto teórico.

Aqui gostaríamos de chamar atenção para o fato de que especialmente o drama trágico impõe a contradição e a ambivalência dos sujeitos históricos, daí o fascínio que sempre exerceu sobre pensadores do porte de Sigmund Freud, Max Weber, Walter Benjamin, Arthur Schnitzler. Poderíamos propor um padrão de contradição não apenas entre a teoria (pensar) e a prática (agir) como foi ressaltado por Karl Marx, mas sobretudo entre o sentir (“emoções inconscientes”, conforme Freud), em relação ao pensar & agir.¹⁰ De fato, a tragédia e, particularmente, o drama trágico ou, se quisermos fechar o círculo, o drama barroco (aqui necessariamente trágico) se constituem numa forma de apresentação do conflito como dado radicalmente inevitável, irresolúvel, que impõe a hesitação como forma subjetiva de ser. Assim, não é sem sentido, a célebre expressão shakespeariana “*the time is out of joint*” para falar profeticamente do caos das grandes guerras civis e religiosas da década de 1640. E que a Thomas Hobbes recordava o medo (*fear*) terrível que a “anomia” já presente na Guerra do Peloponeso dera notícia a ele mesmo Hobbes, tradutor de Tucídides.¹¹

Daí também porque vemos a hesitação no teatro de Shakespeare imortalizada no mote do personagem Hamlet: “*to be or not to be*”.

Se Hamlet “*é alguém que, como dizem as tias, não sabe o que quer*”¹² é precisamente porque ele está imprensado entre sistemas de valores, códigos morais, que,

⁹ Ibidem.

¹⁰ Para uma exposição desse padrão de ambivalência e contradição entre o sentir, pensar e agir, ver: Cerqueira Filho, Gisálio (1982). *A questão social no Brasil: crítica do discurso político*, Rio de Janeiro. Civilização Brasileira.

¹¹ Ginzburg, Carlo (2008). “Fear, Reverence Terror: reading Hobbes today”, European University Institute, *Max Weber Lecture Series - MWP - 2008/ 05*. (ISSN 1830 7036), Badia Fiesolana, Italy.

¹² Lacan, Jacques (1993). “Hamlet: um caso clínico”. In *Lacan Oral*, Buenos Ayres: Xavier Báveda, p. 93. Apud Rinesi, Eduardo (2011). *Política e Tragédia: Hamlet entre Maquiavel e Hobbes*, Buenos Ayres: Coliheu, p. 12.

antagônicos, disputam sua alma e, de certo modo, o imobilizam. A subjetividade atormentada enlaça radicalmente o princípio antagônico da contradição no qual a experiência trágica se estrutura.

Ora, W. Benjamin quer resgatar o vínculo entre as experiências subjetivas cravadas sim no princípio da contradição, mas que falam à contemporaneidade e de algum modo à política da época que lhe tocou viver; devendo ser capturadas na experiência estética, não de todo afastada do campo da teologia e não só judaica. Daí a carta que escreve a Carl Schmitt nos termos que seguem:

Berlin-Wilmerzdorf, 9 Dez., 1930
Prinzregenstr, 66

Exmo. Sr. Professor:

*Receberá dentro de dias, enviado pelo editor, o meu livro *Ursprung des deutschen trauerspiels*. Com estas linhas gostaria, não apenas de lhe anunciar a saída do livro, mas também manifestar a minha alegria por poder enviar-lhe, por sugestão do Sr. Albert Salomon. Constatará facilmente como o livro é devedor, do seu trabalho na exposição sobre a doutrina da soberania no século XVII. Permita ainda que lhe diga que encontrei também nas suas obras posteriores (Cf. Carl Schmitt, *Die Diktatur Von den Anfängen des modern Souveranitätgedankens bis zum proletarischen Klassenkampf*, Munchen-Leipzig, 1928), e nas suas reflexões sobre a filosofia política a confirmação dos caminhos das minhas investigações no domínio da filosofia estética. Se a leitura do meu livro o levar à percepção deste sentimento, darei por bem sucedida a minha intenção de enviar-lho. Com a mais elevada consideração atentamente,*

*Walter Benjamin.*¹³

Quando em carta a G. Scholem, datada de 30/03/1918, Benjamin mais que agradece o trabalho “*Sobre o lamento e o canto de lamentação*”, ele registra o quanto lhe deve o esclarecimento acerca de um problema sobre o qual se debruçava há dois anos.¹⁴ Benjamin refere-se assim ao problema de então: “*a questão [era] de saber como a linguagem em geral se pode realizar no luto e ser expressão desse luto*”. De fato, diz o autor, “*em alemão, o lamento só ganha destaque na linguagem do drama trágico e este, no que diz respeito ao alemão, é praticamente subalternizado à tragédia*”. A sequência seria: tragédia, drama, o trágico no drama, o drama trágico alemão no século XVII, tão pouco estudado como lhe disse uma ocasião a amiga e dramaturga Asja Lacis.

Na carta a Scholem, Benjamin acata a hipótese de que uma tal hierarquia é tão importante em alemão quanto em hebraico, reconhecendo implicitamente o quanto de cultura judaica lateja nas suas pesquisas e reflexões e sem que o imaginasse.

¹³ Benjamin, W. (2011). Op. cit, p. 294.

¹⁴ Ibidem, p. 332.

Se aceitarmos a premissa de que o barroco tem um traço hiperbólico, cujo realce poderia, talvez, permitir o flagrante no drama trágico (seja alemão, seja judaico), podemos compreender porque o primeiro sub-ítem capítulo 1 (Drama trágico e tragédia) da obra *Ursprung des deutschen trauerspiels* se intitula *Teoria barroca do drama trágico*.

Sergio Paulo Rouanet, ao optar por traduzir a obra para o português, em 1984, como *Origem do drama barroco alemão* não fez mais do que valorizar desde um solo “iluminista” os aspectos afetivos, afetuosos, relativos a lamentação e ao luto (podemos falar em sentimentos lutosos) inscritos por uma via tortuosa no pensamento de Walter Benjamin. Ao traduzir a obra para o português por *Origem do drama trágico alemão*, conforme o faz João Barrento, abre-se uma polêmica que não faz justiça ao barroco que, no seu conjunto, mantém como característica uma atitude não polêmica. Como diz Herbert Cysarz, no barroco, “*cada um procura o mais possível e ainda que siga a própria voz, dar a impressão de que segue os passos dos mestres que venera e das autoridades consagradas*”.¹⁵ Mas não é isso que define o canônico?

Creemos que a expressão “drama barroco” alude ao paroxismo na relação paradoxal entre emoção & política (*emotion in motion*)¹⁶, que exprime um desejo pulsante de Walter Benjamin na obra *Ursprung des deutschen trauerspiels*.

Referências Bibliográficas

Barrento, João. “Entrevista ao repórter Guilherme Freitas, de *O Globo*”, para o Jornal “Prosa & Verso”, 31/12/2011.

Benjamin, Walter. (2011). *Origem do drama trágico alemão (Ursprung des deutschen trauerspiels)*, Tradução de João Barrento, Belo Horizonte: Grupo Editorial Autêntica.

¹⁵ Cysarz, Herbert (1924). *Deutsche Barockdichtung. Renaissance, Barock, Rokoko*, Leipzig, p. 72. Apud Benjamin, W. (2011). Op. cit, p. 53.

¹⁶ Gizlene Neder e Gisálio Cerqueira Filho. “*Emotion in motion*”, *Universidad Antigua de Oñati*, Espanha, 1996. Em português está publicado com o título “*Emoção e Política: (a)ventura e imaginação sociológica para o século XXI*” por Sérgio Fabris Editor, Porto Alegre, 1997.

_____. (1984). *Origem do drama barroco alemão (Ursprung des deutschen trauerspiels)*, Tradução de Sergio Paulo Rouanet, São Paulo: Brasiliense.

Cerqueira Filho, Gisálio (2004). *Autoritarismo Afetivo: a Prússia como sentimento*, São Paulo: Editora Escuta.

_____. (1982). *A questão social no Brasil: crítica do discurso político*, Rio de Janeiro. Civilização Brasileira.

Cysarz, Herbert (1924). *Deutsche Barockdichtung. Renaissance, Barock, Rokoko*, Leipzig.

Ginzburg, Carlo. "Fear, Reverence Terror: reading Hobbes today". European University Institute, *Max Weber Lecture Series - MWP - 2008/05*. (ISSN 1830 7036), Badia Fiesolana, Italy.

Lacan, Jacques (1993). "Hamlet: um caso clínico". In *Lacan Oral*, Buenos Ayres: Xavier Báveda.

Neder, Gizlene e Cerqueira Filho, Gisálio (1997). *Emoção e Política: (a)ventura e imaginação sociológica para o século XXI*, Porto Alegre: Sérgio Fabris Editor. Originalmente (1996). *Emotion in motion*", *Universidad Antigua de Oñati*, Espanha.

Said, Edward (2005). *As representações do intelectual. (Representations of the Intellectual)*, Tradução de Milton Hatoum, São Paulo: Editora Companhia das Letras.

Uchôa, Mateus Vinícius Barros (2011). "DARSTELLUNG: Walter Benjamin e a magia do nome". In *Semana Acadêmica do PPG em Filosofia da PUCRS*, Porto Alegre, VII Edição.

Recebido para publicação em setembro de 2011.

Aprovado para publicação em dezembro de 2011.